

**OS DEUSES E A DEGRADAÇÃO DE ROMA: SANTO AGOSTINHO  
CONTRA OS PAGÃOS**

**AUTORES: Cibely Ferreira da Silva**

(Instituição: Universidade de Pernambuco – Faculdade  
de Formação de Professores de Nazaré da Mata)

E-mail: [cibely88@yahoo.com.br](mailto:cibely88@yahoo.com.br)

**José Maria Gomes de Souza Neto**

(Professor Doutor adjunto a  
Universidade de Pernambuco – Faculdade  
de Formação de Professores de Nazaré da Mata)

E-mail: [zemariat@uol.com.br](mailto:zemariat@uol.com.br)

O Império Romano começou seu período de colapso a partir do século III da era cristã. A principal causa do ocorrido foi devido à crise político/econômica/militar em que o Império se encontrava, visto que o mesmo encontrava dificuldades para continuar com as guerras de conquista, responsáveis pelo abastecimento do mundo romano com espólios e, principalmente com escravos, que se tornaram a principal mão-de-obra utilizada nas grandes propriedades rurais, de onde provinham a grande maioria da produção agrícola romana. A escassez de escravos para trabalhar nas plantações acarretou na divisão de latifúndios em pequenas propriedades e em um processo de ruralização, já que os habitantes preferiam escapar das dificuldades dos grandes centros urbanos para a tranquilidade da vida no campo. A fragilidade das cidades e do sistema Imperialista facilitou as invasões dos “bárbaros” no território romano, dentre eles o rei visigodo Alarico, que em 410 invadiu e saqueou a cidade de Roma.

Diante do caos em que o império se encontrava, a população romana transferiu a culpa da crise para a religião: culparam o cristianismo e seus adeptos de terem enfurecido os Deuses do panteão Olímpico, visto que esses deixaram de prestar os devidos cultos em seus altares para adorar o novo Deus. Além disso, na situação caótica em que Roma se encontrava, Marte, o grande deus da guerra, capaz de trazer grandes glórias para seus

adoradores e um terror ainda maior para seus inimigos parecia ser muito mais “útil” do que o Deus de paz e misericórdia dos cristãos. “*O importante não era ver se era mais verdadeiro Marte ou Cristo, mas verificar quem dos dois era o maio poderoso*”<sup>i</sup>. Diante do estado de constantes ataques em que se encontravam, a população facilmente entrou em conflito, assim não somente os pagãos que já acusavam o cristianismo de ter atraído a ira dos deuses para Roma, mas também os cristãos convertidos ficaram em dúvida sobre qual deveria ser a religião correta a seguir.

Em defesa dos cristãos, Agostinho escreve a *Cidade de Deus*, onde ele usa a retórica para subverter a imagem de alguns dos principais ícones da sociedade romana, enquanto enaltece o Deus que acreditava ser o verdadeiro. Assim, ele transforma os deuses mitológicos – a quem os romanos julgavam serem os responsáveis pela ascensão ou pela derrota de Roma durante suas empreitadas militares – em demônios, mostrando-os como seres inferiores e extremamente imprestáveis.

Criticava a capacidade que os pagãos tinham em atribuir uma enorme quantidade de deuses para se responsabilizarem por atividades que um único deus cristão era capaz de realizar, sem grandes problemas. Por exemplo: de acordo com o mito, depois da vitória de Júpiter perante Saturno, os domínios divinos foram divididos entre os deuses. Júpiter com o céu, Netuno com os mares e Plutão com mundo inferior. Cada deus desposou uma deusa-irmã diferente e, os domínios foram divididos entre elas novamente, assim Juno ficou com a parte inferior do céu, Salácia (esposa de Netuno) ficou com a parte inferior do mar e Proserpina (esposa de Plutão) passou a dominar a parte inferior da terra. Mas não são os mesmos elementos? Qual é a serventia de encontrar dezenas de divindades para as coisas mais fúteis da vida?<sup>ii</sup>

Essas perguntas não encontravam respostas nem mesmo entre os pagãos e, era exatamente nesse ponto de fraqueza que Agostinho se utilizava da retórica destruir a imagem dos deuses, rebaixando seus inimigos de tal forma que não existia uma defesa contra as acusações. Ou seja, voltando a citação de Carlo Cremona, qual das religiões tinham os deuses mais poderosos? Os pagãos, que se dividiram infinitas vezes para realizar os trabalhos que o único deus cristão era capaz de realizar sem maiores problemas?

Recriminava também os poetas, considerando-os como os disseminadores da imagem dos demônios. Como exemplo disso, temos a Ilíada de Homero – poema épico em que são narrados os principais acontecimentos da guerra de Tróia, que se inicia por causa dos caprichos das deusas Minerva, Juno e Vênus ao entrarem em uma disputa de beleza influenciadas pela deusa Éris (a Discórdia) <sup>iii</sup>. Na literatura os deuses aparecem como seres capazes de influenciar seriamente a vida dos humanos, mas também são representados cheios de emoções, maldades e valores puramente humanos. Acontece que os deuses eram tomados como modelos a serem seguidos pela sociedade (assim como os santos e os bispos também eram tomados como modelos para os cristãos) mas, Agostinho acreditava que os personagens que estavam sendo mostrados nas fábulas eram demônios, então transmitir histórias onde pecados eram cometidos abertamente por deuses (como por exemplo, os mitos que contam as histórias de relações extraconjugais de Júpiter ou aqueles que contam o caso de adultério entre Marte e Vênus) podia incitar novos pensamentos pecaminosos na população. Na verdade, os romanos que insistiam em adorá-los estavam sendo enganados e conseqüentemente, se distanciando cada vez mais dos ensinamentos do Cristo, ficando cada vez mais presos na Cidade dos Homens (repleta de pecados), dessa forma eles nunca poderiam ser capazes de encontrar a felicidade eterna, que só poderia ser encontrada na Cidade de Deus.

Agostinho, um africano que observou todo o caos que acontecia em Roma durante as invasões bárbaras e que se empenhou em defender o cristianismo das acusações dos pagãos é utilizado nessa pesquisa como uma fonte primária para um estudo da História da África, com base no que propõe a Lei 10.639 (2003), a qual estabelece novas diretrizes e bases para a educação nacional, instituindo a obrigatoriedade do ensino da História da África e dos afro-descendentes. Analisando as fontes de Agostinho, que por sua vez analisou a filosofia e a história de Roma, propomos apresentar uma nova forma de ensino da História da África dentro das salas de aula, desconstruindo a idéia de que a história deve

ser abordada unicamente pelo viés europeu, formando uma ponte entre a História de Roma e a História da África.

---

<sup>i</sup> CREMONA, Carlo. **Agostinho de Hipona: A razão e a fé**. Editora: Vozes.

<sup>ii</sup> AGOSTINHO, Santo. **A Cidade de Deus**. (Pensamento Humano). Parte I. Editora Universitária São Francisco, 2006.

<sup>iii</sup> BULFINCH, Thomas. **O Livro de ouro da mitologia – Histórias de deuses e heróis**. Editora: Ediouro, 2001.

#### **BIBLIOGRAFIA**

AGOSTINHO, Santo. **A Cidade de Deus**. (Pensamento Humano). Parte I. Editora Universitária São Francisco, 2006.

\_\_\_\_\_. **A Cidade de Deus**. (Pensamento Humano). Parte II. Editora Universitária São Francisco, 2006.

\_\_\_\_\_. **Confissões**. Editora: Martin Claret, 2007.

\_\_\_\_\_. **A Verdadeira Religião**. Editora: Edições Paulinas, 1987.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Editora: Rideel, 2007.

\_\_\_\_\_. **Aristóteles Arte Retórica e Arte Poética**. Editora: Ediouro, 1998.

ALAMILLO, Assela, **A mitologia na vida cotidiana**. Editora: Angra, 2002.

BENJAMIN, Roberto. **A África está em nós – história e cultura afro-brasileira**. Editora: Grafset, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais para o ensino de História e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília: 2004.

BRAUDEL, Fernand. **El Mediterraneo**. Editora: Espasa Calpe, 1997.

BULFINCH, Thomas. **O Livro de ouro da mitologia – Histórias de deuses e heróis**. Editora: Ediouro, 2001.

CAMPBELL, Joseph. **As máscaras de Deus**. Vol. 1, 2, 3. Editora: Palas Athena, 2005.

CAMPENHAUSEN, Hans Von. **Os Pais da Igreja-A vida e a doutrina dos primeiros teológicos cristãos**. Editora: CPAD, 2005.

COMMELIN, P. **Mitologia grega e romana**. Editora: Martins Fontes, 2008.

CREMONA, Carlo. **Agostinho de Hipona: A razão e a fé**. Editora: Vozes, 1990.

GIORDANI, Mário Curtis. **História da África anterior aos descobrimentos**. Editora: Vozes, 1985.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES  
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES  
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

- 
- GRACIOSO, Joel. **Relação entre Deus e o mal segundo Santo Agostinho**. Editora: Palavra & Prece, n/d.
- GRAVES, Robert. **O grande livro dos Mitos Gregos**. Editora: Ediouro, 2008.
- HAMMAN, A. **La Vida cotidiana en África Del Norte en tiempos de San Augustin**. Editora: Ceta, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Santo Agostinho e seu tempo**. Editora: Paulinas, 1982.
- HARTOG, F. (org.). **A História de Santo Agostinho**. Editora: UFMG, 2001.
- HOMERO. **Odisséia**. Editora: Martin Claret, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Ilíada**. Editora: Martin Claret, 2003.
- LUCAS, Miguel. **A arte de ensinar – Ensine como Santo Agostinho**. Editora: Ibrasa, 1984.
- MALUFE, José Roberto. **A ciência da retórica**. Editora: EDUC, 1992.
- PUGLIESI, Marcio. **Mitologia greco-romana**. Editora: Madras, 2003.
- VEYNE, P. 1984. **Acreditavam os Gregos em seus Mitos?** Editora: Brasiliense.
- VIRGÍLIO. **Eneida**. Editora: Ediouro, n/d
- WATTS, Alan. **Mito e Religião**. Editora: Fissus, 2002.